

## O VALOR MORAL DA SOLIDARIEDADE EM MARKUS GABRIEL: UMA ANÁLISE DE CRISE FRENTE À PANDEMIA DO COVID-19

ALEPH CEDRIM BARBALHO<sup>1</sup>; EVANDRO BARBOSA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [alephcb@gmail.com](mailto:alephcb@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [ebarbosa@ufpel.edu.br](mailto:ebarbosa@ufpel.edu.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O assunto aqui tratado é a solidariedade em “Ética para tempos sombrios: valores universais para o século XXI” (2020), do filósofo Markus Gabriel (1980-).

O trabalho pretende ser investigação filosófica a respeito deste valor moral que é a solidariedade. Assim, dentro da filosofia, pode ser enquadrado como uma reflexão ética. Especificando ainda mais o enfoque almejado na pesquisa é possível pensar na epistemologia moral, na medida em que são trabalhados aspectos do conhecimento humano enquanto formadores dos costumes sociais.

O problema que se encara para desenvolver uma possível solução, a partir do pensamento do Gabriel, é a crise do valor moral da solidariedade. Primeiramente, esta teria sido provocada pelo obscurecimento dos valores do esclarecimento. Especialmente, por causa da confusão entre valores morais e econômicos, o que acarretaria discriminações sociais. Também se contempla o problema de que esta situação teria sido agravada pela pandemia do Covid-19, na medida em que esta colocou à prova até que ponto uma manutenção econômica seria, ou não, colocada à frente da ação que Gabriel concebe como moralmente válida.

A primeira e fundamental fonte para desenvolvimento deste trabalho é a produção filosófica do Gabriel, em geral. No entanto, se tomou como base para articulação do ordenamento segundo o qual esta pesquisa se realizaria, o seu pensamento na obra “Ética para tempos sombrios”, já mencionada. A maneira como Gabriel expõe a questão também serviu como principal guia no que diz respeito à abordagem das temáticas relacionadas à pandemia do Covid-19. Para além disto, o pensamento de Immanuel Kant (1724-1804) exerce uma influência definitiva nos argumentos apresentados no que diz respeito ao embasamento do que Gabriel concebe enquanto valores morais, especialmente através da “Fundamentação da metafísica dos costumes” (1785) e da “Crítica da razão prática” (1788). Para que se desenvolvesse uma concepção mais particular do que é entendido como solidariedade, também se procurou fundamentos no pensamento hegeliano de Robert Brandom (1950-) em “*A spirit of trust: a Reading of Hegel’s phenomenology*” (2019). Por fim, no que diz respeito à crise da solidariedade, pela confusão entre valores morais e econômicos, se recorreu a autores contemporâneos como Maja Göpel (1976-) e Thomas Biebricher (1974-) para melhor esclarecer o que seriam estes valores econômicos.

De maneira geral, o entendimento que existe quanto à solidariedade é que ela se trata de um autoevidente valor moral, ao lado de outros como a liberdade e a igualdade. É algo que todos parecem saber que se deve procurar efetivar no convívio em sociedade. No entanto, ao mesmo tempo não parece estar esclarecido o suficiente o que é que constitui exatamente este valor moral de ser solidário. Por isto, Gabriel reconhece que ele está em crise e há a necessidade de, em acordo com os valores do esclarecimento, trabalhar para tornar este conceito cada vez menos obscuro. Quanto ao que diz respeito a valores morais e econômicos, o que se identifica como propagado, mas de maneira muitas vezes não percebida, é a

noção de que o agir moral pode ser balizada por elementos comparativos, como aqueles de relação custo-benefício e isto também é aqui identificado como responsável por uma série de problemas sociais.

Deste modo, esta investigação tem por objetivos: evidenciar o que é, exatamente, este autoevidente valor moral da solidariedade; descrever a maneira segundo a qual ele se encontra em crise; e por fim, destacar como é possível que um obscurecimento moral tenha sido agravado pela pandemia do Covid-19.

## 2. METODOLOGIA

A motivação da realização deste trabalho partiu de se encontrar na obra do Gabriel, “Ética para tempos sombrios”, a possibilidade de uma investigação não especificada no texto. Isto é, a respeito do valor moral da solidariedade, que é tratado com frequência na obra, mas de modo esparso. Se trata de uma investigação bibliográfica para começar a aprofundar o tema no que está contido por detrás da abordagem do termo, como pressuposto assumido no desenvolver da argumentação do Gabriel. Os trabalhos que embasam a análise proposta são os textos já mencionados na introdução como fontes ao desenvolvimento realizado.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gabriel entende valores como critérios de julgamento (GABRIEL, 2002, p. 49). Então existem valores diversos. Referências para juízos. Valores matemáticos, por exemplo. Estes não interessam aqui, mas os relacionados a humanos poderem agir universalmente, concernindo todos. Estes são valores morais. Por eles é possível julgar moralmente ações, por fatos identificáveis por terceiros (*Ibid.*) Este julgar é falível, pois não é possível alcançar todas as percepções para ter um conhecer completo e avaliar com perfeição (*Ibid.*). A falibilidade não impede universalidade. Moral é toda resposta à pergunta do que se deve fazer (*Ibid.* P. 46). Não é possível responder o que humanos devem fazer sem considerar todos. Ao Gabriel, moralidade é necessariamente universal. Agora, a solidariedade, é condição à construção de cooperação profunda marcada pelo espírito de confiança recíproca entre todos, pressupondo autonomia como finalidade (*Ibid.* P. 13-4). Esta autonomia não é individualista, mas pautada no imperativo categórico como cola social enquanto bem acertado princípio mais universal da ética (*Ibid.* P. 155) em suas fórmulas da universalização – “Aja de modo que a máxima de sua vontade possa sempre valer ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal” (KANT, 2016, p. 49) – e do fim em si mesmo – “*Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na sua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio.*” (KANT, 2019, p. 73, *itálico do autor*). Isto é pressuposto pela confiança. Esta é forma de reconhecimento mútuo por atitudes recíprocas de confissão e perdão (BRANDON, 2019, p. 726, 737-8). A solidariedade enquanto cooperação possibilitada por esta confiança na pressuposição da autonomia é autoevidente na medida em que, como Kant entende, “São possíveis os imperativos categóricos, porque a ideia da liberdade faz de mim um membro do [...] inteligível [...]. E esse dever *categórico* representa uma proposição sintética *a priori*” (KANT, 2019, p. 111, *itálico do autor*).

Mas a solidariedade “parece ter saído incontrolavelmente dos trilhos” (GABRIEL, 2022, p. 11) por causa de “obscurecimento do horizonte moral” (*Ibid.* P. 23) na medida em que “se esquece, frequentemente, de indicar o que são, afinal, valores” (*Ibid.* P. 17, *itálico do autor*). Isto possibilitou a confusão sobre valores



morais que, em verdade “são particularmente distintos de valores *econômicos*.” (*Ibid.* Itálico do autor). A confusão é tanta que já foi cunhado o termo “*Homo economicus*” (GÖPEL, 2016, p. 72). Moralidade é trazida à tona para pôr regras aos valores econômicos, pois não adianta ordem à competição se finalidade for só competitividade (BIEBRICHER, 2018, p. 201). Valores econômicos são particulares, não consideram todos iguais, mas discriminam quantitativamente e isto é prejudicial à liberdade, causando esgotamento, estresse e prejuízos nas relações (HUFFINGTON, *apud.* GÖPEL, 2016, p. 74). O universalismo do Gabriel é contra políticas identitárias que desumanizam seres humanos, como seria o caso das pautadas em *status* econômico (GABRIEL, 2022, p. 200).

A crise na qual isto culminou serviu como espelho à humanidade contemplar seu comportamento e foi destacada pela pandemia do Covid-19. Apesar de também trazer chance de aprimoramento das relações, prevaleceram riscos e acentuação do obscurecimento moral, reforçando que solidariedade e cooperação não funcionam se só mercados têm voz, pois se baseiam em competição. (*Ibid.* P. 11-4). “Quem fere o universalismo se volta contra a ideia de que a nossa comunidade se constrói com base no fato de que somos todos seres humanos que, já só por isso, têm certos direitos e deveres. [...] Ignoramos de bom grado que, de nossos direitos fundamentais, seguem-se deveres fundamentais” (*Ibid.* P. 40)

Gabriel reconhece que discriminação (*Ibid.* P. 37) por estereótipos promotores de enganosos pertencimentos é que não se pensa moral e universalmente. Diagnostica que solidariedade radical não ocorreu no interior de fronteiras, pois a competição por recursos acabou por colocar e ainda colocará muitos em situações difíceis (*Ibid.* P. 234). “O desfavorecimento discriminatório [...] é o problema universal que deve ser solucionado” (*Ibid.* P. 119). Um exemplo é discriminar negativamente um idoso doente como não apto a receber leito de UTI quando comparado a jovem-adulto com a mesma doença. Tal discriminação pode ser necessária, economicamente, mas para Gabriel o moral seria somente desenvolver condições para atender a todos igualmente. Infelizmente, “nosso comportamento cotidiano não corresponde [...] ao padrão ótimo [...]. O progresso moral não tem uma reta final” (*Ibid.* P. 116). Mas algumas decisões de governos na pandemia do Covid-19 evidenciaram a possibilidade de realizar uma política mais rigorosa quanto a esta moral, quase independentemente do quanto custem certas medidas (*Ibid.* P. 109). Porém, sem considerar que “valores econômicos são indispensáveis à aplicação de valores morais” (*Ibid.* P. 50), o que mais se destacou é que “essa solidariedade não atravessou fronteiras” (*Ibid.* P. 234) e ainda parece ter sido comprometida por estereótipos, primordialmente pautados em valores econômicos.

Agora, se percebe que genuinamente há sobre o que se aprofundar a partir do que Gabriel expõe quanto ao valor moral da solidariedade. Em especial se destaca até que ponto uma consideração universal para guiar valores morais da humanidade que só existe como coletividade pode se expandir a uma ética frente à natureza como um todo. Primeiro, parece razoável dar continuidade a esta investigação refletindo sobre as relações humanas com outros animais. Isto também é suscetível de se pensar graças ao livro do Gabriel intitulado “*Der Mensch als Tier: Warum wir trotzdem nicht in die Natur passen*” (2022), que pode se traduzir por “O humano como animal: por que nós ainda não nos ajustamos na natureza?”.

#### 4. CONCLUSÕES

A inovação obtida com este trabalho é o esclarecimento da perspectiva do Gabriel que evidencia o que é a solidariedade a partir da diferença entre valores

morais e econômicos. Esta distinção permite compreender como o agir moral conduz à necessidade de ser solidário, agir em cooperação profunda, pautada em confiança recíproca, por pressupor autonomia como finalidade mútua, quase que independentemente do quanto custe para que se comporte assim, pelo dever de preservação dos direitos fundamentais de todos. Isto também se enquadra dentro de uma mais abrangente defesa da filosofia do Gabriel, segundo a qual há uma possibilidade razoável de conceber valores morais universais, independentemente da falibilidade no reconhecimento ou aplicação cotidiana dos mesmos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BIEBRICHER, Thomas. **The political theory of neoliberalism**. Stanford: Stanford University Press, 2018.

BRANDOM, Robert B. **A spirit of trust: a reading of Hegel's phenomenology**. Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019.

GABRIEL, Markus. **Ética para tempos sombrios: valores universais para o século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2022.

GÖPEL, Maja. **The great mindshift: how a new economic paradigm and sustainability transformations go hand in hand – The Anthropocene: political – economics – society – science: volume 2**. Berlin: Wuppertal Institute, 2016.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Trad. Monique Hulshof. Petrópolis: Vozes, 2016.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 2019.

KORSGAARD, Christine M. **Self-constitution: agency, identity, and integrity**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Frangmentos póstumos (1885-1889): volumen IV**. 2ª ed. Madrid: Editorial Tecnos, 2008.

ROHDEN, Valério. Aparências estéticas não enganam – sobre a relação entre juízo de gosto e conhecimento em Kant. In: DUARTE, Rodrigo (Org.). **Belo, sublime e Kant**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Nova Iorque: Routledge, 2002.